

A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

BIROUK.

ANECDOTA RUSSA.

(Continuado do n.º 38).

Pozemo-nos a caminhar. Birouk ia adiante, caminhando com bastante pressa. Deus sabe como elle podia acertar com o caminho; mas não parava, e escutava apenas. « Lá está, lá está, murmurava elle de tempos a tempos entre dentes; ouvis? » Eu não ouvia. Descemos um barranco onde o vento penetrava ligeiramente. Então golpes de machado repetidos por intervallos eguaes chegaram distinctamente aos meus ouvidos. Birouk lançou-me um olhar por cima do hombro. Continuamos a caminhar aavez do matto e das ortigas molhadas. Um estallar surdo e continuo fez-se ouvir por muito tempo...

« Deitou-se a terra » murmurou Birouk. Entretanto o céu tornava-se claro; começava-se a vér alguma cousa no bosque. Sahimos da quebrada que até alli tinhamos seguido.

« Esperai-me aqui » disse-me Birouk ao ouvido. Levantou a espingarda e desapareceu curvando-se de baixo do matto. Puz-me a escutar com attenção febril. Parecia-me ouvir, a uns cincoenta passos, misturado com a bulha continua do vento, um rumor mais fraco; um machado batia com precaução sobre ramos, rodas rangiam surdamente. Um cavallo rinchou... « Para! » trovejou de repente a voz de Birouk. Um grito queixoso, que semelhava o da lebre apanhada pelos cães, respondeu. Ouvi trazar-se uma lucta. « Não, não, repetia Birouk com voz cortada e suffocada; não, não me has-de escapar. » Puz-me a correr com quanta força tinha para o logar do combate; cheguei em fim, com as pernas pizadas e as mãos feridas. Junto de uma arvore cortada Birouk agitava-se no chão. Tinha debaixo de si o ladrão, e prendia-lhe as mãos com o proprio cinto. Quando acabou, pegou-lhe pela gola, levantou-o do chão e pô-o em pé. Era um pobre diabo do campo, ensopado em agoa, vestido de farrapos, com uma barba comprida

e erissada. Um mão cavallinho prezo a um telega, e coberto com uma esteira velha, estava immobill, de cabeça baixa, a poucos passos do dono. O guarda não dizia palavra, o camponez sacudia-se de tempos a tempos

« Deixai-o ir, disse eu a Birouk, pagarei por elle. »

Birouk não me respondeu. Pegou com uma das mãos na redêa do cavallo, com a outra agarrou o ladrão pela cintura. « Vamos, adiante, » lhe disse elle carregando as sobrancehas. « levai tambem o machado » balbuciou o desgraçado prisioneiro mostrando-o com o dedo. « Tens razão, poderia servir para outros, » replicou Birouk, e apanhou-o ligeiramente.

Partimos. A chuva recomeçou a cair. Não foi sem difficuldade que nós voltamos para o *isbale* do guarda. Birouk abandonou o cavallo e a carreta no meio do pateo e empurrou o camponez para dentro do *isbale*, onde o fez assentar n'um canto, depois de lhe ter alargado um pouco o nó das cordas que lhe prendiam os braços.

« Têl-o-hia fechado no telheiro, me disse elle de repente com máu humor e sem olhar para mim; isto pôde incommodar-vos; mas o ferrolho falta... »

Dei-me pressa em o interromper e assegurar-lhe que o pobre homem me não incommodava nada. O camponez olhou para mim de esquelha.

« Olhai para esta chuva! disse Birouk; será preciso esperar ainda um pouco. Quereis deitar-vos? »

— Não, obrigado. »

Embucei-me no meu capote, encostei-me á parede e puz-me a observar em silencio. Tinha-me dado palavra a mim mesmo que havia de salvar o prisioneiro. Este não se mechia do seu canto. Distingui perfeitamente, á claridade da lanterna, a sua cara magra e enrugada, as suas sobrancehas raras e amarellas, os seus olhos inquietos, a barba vermelha misturada de cabellos brancos, e os membros descarnados. A rapariga, que nos tinha aberto a porta, tinha-se tornado a deitar no chão quasi aos seus pés. Adormeceu em pouco, depois de ter por duas ou tres vezes aberto os olhos espantados. Birouk tinha-se assentado ao pé da meza, com a cabeça encostada ás mãos. Um grilo gritava no lar da chaminé. A chuva batia no telhado e escorregava pelas vidraças.

— Thomaz Kuzmitch, se poz a dizer repentina-

mente o camponez com voz surda e rápida, Thomaz Kuzmitch!

— Então que é?

— Deixa-me ir embora.»

Birouk não respondeu palavra.

« Deixa-me... é a fome... deixa-me ir.

— Conheço-vos a vós todos, replicou Birouk com ar feroz; não ha senão ladrões na vossa aldêa.»

— Deixa-me, deixa-me ir, não descontinuava o camponez de repetir... O intendente... é o intendente... Estamos arruinados, perdidos... de todo... Ah! mas, sim... deixa-me ir.

— Arruinados... isso não vos dá direito de roubar os outros.

— Deixa-me, Thomaz Kuzmitch, não me percas... O vosso, tu bem o sabes, vae devorar-me, tu bem o sabes.»

Birouk desviou a cabeça. O pobre camponez tremia por todo o corpo, como se tivesse febre; a respiração era desigual.

« Deixa-me, deixa-me, repetia elle com desesperação, eu pagarei, diante de Deus... Ah! mas Deus, diante de Deus... deixa-me... E' fome... vai tudo mal em nossa casa, vês... diante de Deus... deixa-me.

— Isto não te dá direito de roubar.

— A minha egua ao menos, continuou o camponez, a minha egua, restitue-ma, não tenho senão isso... Deixa-me ir.

— Não posso, tu bem o sabes; eu, também sou escravo; castigam-me também... Nada de condescendencia, é impossível; não, não...

— Deixa-me, Thomaz...

— Calla-te.

— Mas deixa-me ir, Thomaz Kuzmitch.

— Ah! Por fim aborreces-me... Está socegado... Não vês este senhor?»

O prisioneiro curvou a cabeça e callou-se. Birouk bocejou, poz a cabeça sobre a meza e pareceu adormecer. Eu olhei para ambos.

O camponez poz-se em pé de repente; os seus olhos chamejavam, um vermelho subito lhe cubriu as faces magras.

« Está bom! vamos, come-me, devora-me... exclamou elle fazendo com os olhos e com a bocca uma visagem extraordinaria; come-me até arrebentar... assassino de almas... bebe sangue christão, o sangue dos pobres, bebe, bebe... »

O guarda admirado alevantou a cabeça.

« E' contigo que fallo, continuou o outro, sim, contigo, bebedor de sangue humano, contigo.

— Ousas insultar-me!... Então estás louco?

— Matador de almas, besta fêra, besta fêra, repetiu obstinadamente o prisioneiro.

— Mas desgraçado, vou-te...

— O que, o que? que me has-de fazer? que podes tu fazer-me, matar-me... melhor... Que que-

res tu que eu faça sem egua?... Vamos, mata-me... morrer de fome... ou de outro modo... é o mesmo... que morra tudo, acrescentou elle animando-se cada vez mais, e alevantando a voz; mulher, filhos, que tudo estale!... Tu também não has-de escapar, pagão.»

Birouk levantou-se.

« Fere, fere, aqui estou, exclamou o camponez com a alegria louca da desesperação, fere, mata... anda fere.»

A rapariguinha acordou sobresaltada, levantou-se e parou diante d'elle immobil de terror.

« Fere, anda, fere.»

— Calla-te, calla-te! urrou Birouk raivoso.

— Pára, Thomaz, exclamei, não lhe toques... não consinto...

— Não quero callar-me, repetia o camponez, e os seus olhos implacavelmente pregados em Birouk cresceram desmesuradamente. Matador de almas, besta fêra, espera, espera, o teu reinado está a acabar... apertar-te-hão o pescoço... espera.»

Birouk precipitou-se sobre elle e agarrou-o pela garganta. Lancei-me em auxilio do desgraçado camponez.

« Ficai ahí onde estais, senhor » me disse o guarda com uma voz repentinamente socegada. Meditou um instante, depois, com um só movimento do braço, arrancou o cinto que prendia o prisioneiro, agarrou-o pela gola com uma das mãos, com a outra enterrou-lhe o barrete até aos olhos, abriu a porta e deitou-o fóra.

« Vai-te para o diabo, tu e a tua egua, lhe gritou elle, e toma sentido para a outra vez... »

— Tu és um bom rapaz, Birouk! lhe disse eu quando tornei a mim da admiração em que estava.

— Vejamos, senhor, me disse elle com máu modo sem me responder, não estais ainda disposto a partir? A chuva acabou... Não direis nada, espero que não direis nada do que acabais de vêr « acrescentou asperamente. »

A bulha da carreta do camponez que partia ouviu-se no pateo.

« Eil-o que se vai » murmurou Birouk com um meio-sorriso.

Repentinamente olhou para mim fixamente:

« Sabeis, senhor, do belforinheiro... que... Pois bem, este velho, este ladrão de lenha... é seu pae... E esta pequena Oulita, é sua filha... tinha-a abandonado... recolhi-a em minha casa... ella trata de meu filho... também abandonado. »

Enchugou os olhos com as costas da mão.

« Partamos, senhor. »

Um quarto de hora depois, separamo-nos na extrema do bosque.

(Publicada no Sovrémennik, Revista de São-Petersbourg.)

PARTIR PARA SER BISPO E ACABAR SINEIRO.

(THROWS FOR BISHOP-DRAWS BEADLE)

PROVERBIO

(Continuado no n.º 38).

PAT.

Que pena vos ha-de causar o andar pedindo esmola, quando quasi que estaveis a chegar a official!

TOM.

Que maroto! Tomais-me por um roedor de bolacha, um *blue-jacket*, por alguém que se cobre com o gato de nove rabos?

PAT.

Como?

TOM.

Um mendigo deve saber representar todos os papeis como um actor perfeito; mas um mendigo inglez deve principalmente saber representar de marinheiro invalido que não foi recebido em Greenwich.

PAT.

Fallar das cousas do mar, sobre tudo com um comodorero, isso não saberia eu fazer, de certo, que não. Mas essas pernas....

TOM.

Uma noite que alguns amigos e eu roubavamos o pomar de um quinteiro, o bom homem mandou-nos um tiro. Estava na crista do muro, e tive tal medo que cahi e quebrei as duas pernas. Tal é a ferida honrosa que recebi a borda da *Andromeda*.

PAT.

E' uma historia semelhante á minha, pelo menos no fim. Trabalhava nas occupaões grosseiras do casal, e era até daquelles que mais trabalhavam. Haverá um anno que, na occasião em que se desciam algumas barricas e que eu estava no fim da escada, a corda quebrou. A primeira barrica esmagou-me o peito, deitou-me ao chão e quebrou-me dois dentes...

TOM.

Bem, bem.

PAT.

Que é?

TOM.

Nada.

PAT.

A segunda quebrou-me as duas pernas.

TOM.

Ainda bem! melhor ainda.

PAT.

O que é, senhor?

TOM.

Depois, depois?

PAT.

Havia nessa occasião em casa do Lord do paiz um grande cirurgião de Londres.

TOM.

Ai!

PAT.

Era um habil operador, não ha duvida. Em quanto ao meu peito, sacudi a cabeça; e a fallar a verdade, desde esse tempo tenho mais cara de um *banshee*, de uma alma do outro mundo, do que de um bom christão; mas as pernas, essas arranjoumas elle tão bem, que felizmente não sinto nellas senão alguma fraqueza.

TOM.

Felizmente! Que tolo! Que bruto, que louco!

PAT.

Que rosnaes para ali?

TOM.

Digo que os diabos levem o grande cirurgião de Londres e a sua infernal caixa de ferramenta! Deveis amaldiçoal-o.

PAT.

Amaldiçoal-o! Um tão digno doutor!

TOM.

Amaldiçoal-o tantas vezes quantas eu abenço-o o bom charlatão que, com os seus emplastos, me calcinou as pernas e as tornou tão disformes como as vèdes. As minhas pernas são um capital que me paga renda; são a minha fortuna.

PAT.

Antes quizera, como n'outro tempo, viver do trabalho dos meus braços, pegar em fardos, ainda que ficasse todas as noutes estafado.

TOM.

Mandrião!

PAT.

Mandrião?

TOM.

Sim, mandrião, posso proval-o. E' mais brando e mais commodo abandonar-se ao corpo, deixar o animal cumprir machinalmente o seu trabalho, sem que nos occupemos delle: as pernas caminham, os braços mechem-se, tudo isso anda como um relógio com corda, e goza a gente da sua inercia. Que differença entre isto e o espirito de um verdadeiro mendigo, sempre preocupado, á espreita de uma idéa! Prescruta as phisionomias, os caracteres, estuda as paixões, adivinha os papeis de cada um, e segue os acontecimentos publicos com o sentimento das conveniencias! Um tal homem não dorme nem de dia nem de noite, o seu cerebro é uma fornalha eternamente em brazas. Durante este tempo, as machinas vivas cujo espirito fugiu, querem antes, para evitar as anciedades do trabalho, e estes abalos do pensamento, mecher por perguica pedacos de pedra, quebrar os hombros arrastando carros, ou calcinar-se ao sol. Mandriões! mandriões! é bem dito, e quem não pensa como eu é capaz de pensar

que o burro cego que faz andar um dia inteiro a roda do moinho é mais laborioso do que um ministro da Inglaterra ou do que o grande Newton.

PAT.

De véras! nunca tinha considerado as cousas desse modo!

TOM.

Tendes outras feridas, outros aleijões para mostrar?

PAT.

Não, louvado Deus.

TOM.

Louvado Deus! sempre a mesma asneira. — Como quereis então, desgraçado, excitar a caridade publica?

PAT.

Pois eu não tenho a minha historia? Não é uma cousa que causa dó, um pobre homem que já não pôde fazer o trabalho que executava com tão boa vontade, sem ter dores nos rins que o não deixam acabar?

TOM.

Oh! innocente! innocente! a sua historia! Conta-se a historia comprida, amigo, ao lavrador que está tomando o fresco á porta, ao camponez que deseja descançar encostado á enxada; mas não se contam historias ás pessoas que tem negocios nesta grande cidade de Londres, e, ainda que estas pessoas não escutem nunca as nossas historias, teem ouvido tantas, que já não pôdem acreditar-as. E' preciso fallar aos olhos; uma palavra é cousa muito longa, é indispensavel um symbolo, ser aleijado é ter eloquencia. — Coçais a cabeça; o que vos digo obriga-vos a reflectir.

TOM.

Daniel O'Dhu não soube fallar-me assim; mas Daniel é um pobre homem que não tem senão uma perna de pau de que faz tão bom uso, que eu trocaria por ella uma das minhas.

PAT.

E' verdade, Daniel O'Dhu, um nada, não precisou nem de dinheiro, nem de enfermidades para ter uma posição. Isso é dado a alguns homens. E' porque é o typo do que se chama o *bacchoch* irlandez, isto é um rapaz jovial que tem espirito ás suas ordens para vos alegrar, bufonarias impagaveis, facilidade faceta para pôr em movimento uma sociedade de quakers, ditos imprevidos que fazem arrebenatar com riso, girandolas de epigrammas, chuva de faiscas. Não era um destes *blackguards* que tocam castanholas com o bico como cegonhas, e se julgam espirituosos porque fallam muito tempo sem escarrar; é aquillo que se chama um *good crake*, um bom caçoante, que sabia encaixar a sua historia no fim de cada palavra. Quando veio a Londres precedido pela fama que tinha alcançado na Escocia e nos condados, foi recebido como se fosse mais aleijado do que Caliban, e Deus sabe se os juros que elle pagou pelas sommas que a generosidade publica lhe fazia correr entre as mãos não pa-

garam a fiança que delle se tinha dado! — Que dizeis a isto?

TOM.

E Dick Mac-Shane de que me fallou O'Dhu, e que ganha thesouros, faltam-lhe muitos membros?

PAT.

Pelo contrario. Tem mais que vós os dedos.

TOM.

Os dedos? Vossa honra está brincando.

PAT.

Isto entra nos meios intellectuaes de que eu ha pouco fallava. Vou saber, fazendo-vos passar por um exame, se apesar de entorpecido como estaes, sois, como diz o Malvolio da *Decima segunda noute* «o que é uma vagem antes de ser ervilha, um fructo verde antes de se tornar maçã» ou então se haveis de ficar vagem e fructo verde. — Fallaremos disso dando aos queixos; ahí chega o nosso jantar.

(Continua.)

RIFÕES PORTUGUEZES.

(Continuado do n.º 38.)

Arar.

Ara bem, e não te jactes; esterca e não assignales.

Arca.

Na arca aberta, justo pecca.

Na arca do avarento, o diabo jaz dentro.

Mais vale penhor na arca, que fiador na praça.

O marido barca, e a mulher arca.

Nem com toda a fome á arca, nem com toda a sede ao cantaro.

Arco.

Arco, sempre armado, ou froxo, ou quebrado.

Ares.

Livra-te dos ares, livrar-te-hei dos males.

Arma.

O prudente tudo ha-de provar, antes de armas tomar.

A mais obriga um rosto bem assombrado, que um homem bem armado.

Quem não tiver que fazer, arme navio ou tome mulher.

Veste-te em guerra, e arma-te em paz.

Arreda.

Lá te arreda ganho, não me dês perda.

Mettes os cães á mouta, e arredas-te depois.

Arrufos.

Arrufos de namoradas, são amores dobrados.

Arrenegar.

Arrenego do amigo, que me encobre o perigo.

Arrenego da terra, onde ladrão leva o juiz á cadêa.

Arrenego de grilhões, ainda que sejam d'ouro.

Arrenego de tigelinha d'ouro, em que hei-de cuspir sangue.

Arrenego da besta, que de inverno tem sesta

Arrengo do cavallo, que se enfrea pelo rabo.
Arrengo de contas com parentes e parentas.
Arrengo do amigo, que cobre com azas, e morde
com o bico.

Arreponder.

Quem cedo se determina, cedo se arrepende.
Pelo louvado deixei o conhecido, e estou arrependido.
Quem tem pouco e o dá, depressa se arrependará.

Arruidos.

O amigo fingido conhecel-o-has no arruido.
Arruido arruido, deu a mulher ao marido.
De arruidos guarde, não serás testemunha nem parte.

Arrieiros.

Arrieiros somos, no caminho nos encontraremos.

Arte.

Quem tem arte, vai por toda a parte.
Para prospera vida, arte, ordem, e medida.
Tudo ha-de mister arte, e o comer vontade.

Arvore.

Quem debaixo da arvore se acolhe, arrisca-se a que
duas vezes se molhe.
De tal arvore, tal fructo.
A arvore esteril não se atiram pedras.
Da arvore cahida, todos fazem lenha.
A arvore muitas vezes transplantada nem cresce nem
medra.

*(Continua.)***INDUSTRA E SCIENCIAS.****CARTA SOBRE A SITUAÇÃO DA ILHA DOS AMORES.**

PELO SR. JOSÉ GOMES MONTEIRO.

Pouco antes de Portugal descer ao tumulto nos campos d'Alcacer Kibir escrevia o seu glorioso testamento, e fazia o epilogo da grandiosa epopeia da India pela mão de Luiz de Camões. Quando a hora dos triumphos espirava, e iam começar os sessenta annos de captivo, erguia-se o padrão de tantos sacrificios e victorias no poema dos « Lusíadas ».

Depois dos versos immortaes do cantor de Ignez a tyrannia pôde fazer em roda de si o silencio do terror; pôde arrear as quinas diante do Leão de Castella; pôde peitar a infamia dos traidores e comprar a peso d'ouro o seu orgulhoso dominio — mas ficou viva, forte e indelevel no coração do povo a saudade do passado, a dôr da honra perdida, e o desejo tenaz de a vingar. Camões levantando este padrão á memoria dos soldados da cruzada indica preparava a ruina do orgulho hespanhol. Um dia os netos de Duarte Pacheco e de D. João de Castro envergonharam-se de chorar como escravos, lembraram-se de Aljubarrota, de

Diu e Malaca, e varreram da face da terra portugueza os conquistadores que a opprimiam.

A influencia dos « Lusíadas » neste feito é immensa, e só a negará quem ousar negar a influencia das idéas sobre a civilisação das nações. Cantico sublime de um soldado-cavalleiro ha-de sempre achar echo em todo o coração portuguez. Cada verso foi então um remorso, cada victoria celebrada era uma humilhação para os degenerados herdeiros, que deixaram converter o ferro da espada em ferros d'algemas. Onde estavam os heroes de Ceuta e Arzilla; onde jaziam os Achilles da India? Tinham cahido até ao ultimo na derradeira peleja? Dormiam seus filhos sem braços nem adagas? Portugal enterrara-se todo com D. Sebastião nos areaes d'Africa? Eis o grito de indignação que os netos dos soldados da India soltavam ao ler as paginas do poeta, ardendo com elle no mesmo amor da patria, sentindo renascer o antigo enthusiasmo e reviverem os passados brios.

Solon colligindo os esparcos fragmentos da Illiada fez delles o cantico nacional da segunda lucta com a Asia. Camões foi o Homero de Portugal. A sua voz, bradando sem cessar aos ouvidos das gerações, entreteve o fogo sagrado da independencia na alma dos portuguezes, e recordou a antiga Monarchia pela saudade da sua gloria até aos proprios que a tinham trahido. Quando raio a aurora da liberdade bastou um grito para levantar o reino; e até os mesmos inimigos, cedendo ao terror do primeiro impeto, pareciam convencidos de que a sombra dos fronteiros d'Africa e dos grandes capitães da India marchava na vanguarda dos exercitos de D. João IV.

E' por isso que entre as nossas glorias brilha como uma das maiores a famosa epopeia dos « Lusíadas »; e a raiva da inveja, e a ignara critica debalde tantaram empanar-lhe o lustre. O poema e a Monarchia são indissoluveis; a nacionalidade do povo não os pôde, nem sabe separar. Fallai-lhe dos tropheos antigos, recordai-lhe a saudade de melhores tempos, e vereis como elle associa o nome de Camões aos nomes e aos feitos que o poeta celebrou. A historia vestindo as risonhas ficções do ideal fez-se amiga do pobre e do abastado, consolou os pezares do sabio, e animou as esperanças do plebeo. Todos alli acham uma pagina escripta para si. O amor que empalidece de desejos, o coração que sorri ao perigo, e a alma que ancêa d'ambição e d'esperança inspiram-se nos « Lusíadas », e fazem delles o seu Evangelho.

Quasi todos os talentos distinctos, que honram a historia litteraria, renderam ao grande vulto de Camões o tributo da sua admiração. O Tasso, Montesquieu, e Chateaubriand vingaram-no das setas disparadas ao acaso pela satyra de Voltaire. O auctor do cosmos, o illustre Humboldt, viajante quasi universal, sabio quasi encyclopedico, é dotado de um genio mui profundo, e de uma sciencia mui vasta para lhe recusar o seu testemunho. Percorrendo as poeticas regiões

que visitou Camões e o poema canta, o barão de Humboldt poz todavia uma restricção ao seu elogio. « O poeta, diz elle, quando descreve os phenomenos do Oceano é admiravel; porque não é elle egualmente sensivel ao spectaculo da natureza terrestre? » E para abonar esta opinião, se não adopta a de Sismondi que nega aos Lusíadas a menor recordação das viagens de Camões, adverte entretanto a ausencia da vegetação dos tropicos até na mais graciosa de todas as paisagens, na ilha encantada dos Amores.

E' a apreciação critica deste reparo do sabio Alemão, que constitue o objecto principal da Carta dirigida pelo Sr. Monteiro ao seu amigo o Sr. Thomaz Norton, como elle curioso investigador das bellezas da nossa litteratura, e sobre tudo da poesia de Camões. Ao Sr. Monteiro não faz senão justiça quem reconhecer uma vasta e analysada erudição, incansavel trabalho, e delicado tacto na critica litteraria. Engenho mais serio que imaginoso, mais alemão que peninsular, não se deixa arrebatar pelos horisontes, que primeiro lhe deslumbra a vista, nem admira antes de se convencer de que deve admirar. Paciente no estudo, essencialmente investigador, a sua analyse desce friamente da superficie ao centro, e vai descobrir até no seu derradeiro involucro o pensamento de uma obra; descortinar até a mais fina allegoria de um poeta, até a mais leve allusão á epoca.

Todas estas qualidades apparecem no seu laborioso estudo sobre a Ilha dos Amores. Fazendo a historia das diversas opiniões emitidas acerca deste famoso episodio o Sr. Gomes Monteiro, julgando toda a polemica travada sobre elle, passa a expor o seu parecer com a maior lucidez, e o mais severo exame. Aproveitando a occasião, sem nenhuma especie de vangloria reivindica para este genero de critica a importancia e a attenção que merece. Com motivo. Ha nos « Lusíadas » duas naturezas por assim dizer: uma popular, cujas bellezas brilham á luz dos mais nobres sentimentos, á chamma do enthusiasmo, da gloria, e do amor; outra scientifica, mais sublime, menos comprehensivel, que resume quasi todo o saber da epoca, e desenha a elevada intelligencia do poeta. A primeira enfeita-se com as gallas e flores, coroa das Musas nacionaes; a segunda orna-se com louros mais severos, colhidos na arvore da sciencia; e muitas vezes a admiração hesita entre a belleza da ficção e a profundidade do saber no poema de Camões.

A interpretação, pois, quando se esmera, deve caminhar com vigilante resguardo para não desfigurar o pensamento, ou mutilar a idéa por apreciações incompletas e falsas. A critica seria o mais facil de todos os labores litterarios se unicamente se reduzisse a rastejar a letra, sem entender o espirito da poesia. Em um escriptor tão original mesmo na imitação dos melhores modellos é sempre arriscado, é mais que perigoso decidir fiado em uma analyse superficial. Quem quizer comprehender Camões ha-de primeiro subir á

região ideal donde elle traçou o desenho do seu poema, e dominar d'ahi todas as ficções e todos os episodios. Sem isto a fórma terá uma belleza morta, e a idéa ficará enigmatica ou truncada.

E' justo confessar, que o Sr. Monteiro respira á vontade nestes largos horisontes, e que a sua vista penetrante os abraça todos sem difficuldade. Senhor da theoria da arte, firme nas bases que serviam de elementos á epopeia antiga, o critico entra sem receio no amago dos « Lusíadas » e resolve a duvida, ou destroe a falsa conjectura com grande sagacidade, umas vezes com citações exactas, outras por meio d'uma aproximação irrespondivel.

Como bem adverte o Sr. Monteiro o auctor dos Lusíadas soube imitar sem deixar de ser eminentemente original no desenvolvimento e na applicação; o segredo disto revelou-o M. Villemain em uma frase tão eloquente como concisa — « é que na verdade está a raiz de toda a poesia; » — e a verdade historica fórma em todo o poema o tecido, em que o poeta despreza os prodigios da mais risonha e maravilhosa imaginação. Analysai com o Sr. Monteiro o admiravel episodio de Adamastor, e vereis que o temeroso vulto nasceu desde que os olhos de Camões pasmaram attonitos sobre a grandiosa realidade do cabo tormentorio; nasceu na hora em que elle cortára com a quilha do seu galleão as ondas destes mares embravecidos; foi alli que a visão surgiu na sua *medonha postura*, e que a alma absorta contemplou o gigante crescendo apurmoado 'do seio do mar Austral, ás portas do Oceano Indico, entre vagas espantosas, e coroado de nuvens e procellas. Foi a realidade quem inspirou pois a criação poetica não menos sublime, que realça este magestoso episodio.

E' soccorrendo-se a estes principios e applicando-os habilmente que o Sr. Monteiro firma a sua opinião, de que o auctor dos Lusíadas collocou a Ilha de Venos debaixo dos climas dos tropicos, no oceano indico: para chegar a este resultado lucha com exito com a sciencia um pouco prevenida do illustre Humboldt, e com as variantes de diferentes commentadores. E para alcançar victoria delles o auctor da Carta ao Sr. Norton não precisou sabir da interpretação natural do poema, e das fontes historicas que o dominam. A sua erudição amena e concludente feriu todos os falsos na armadura dos contrarios, sem nunca se deixar colher no laço que os apanhou a elles.

O Sr. José Gomes Monteiro ha largo tempo que estuda profundamente as origens e os monumentos da litteratura portugueza. Allumiado pelos principios da critica moderna, sabendo que o livro é a expressão das idéas de uma epoca, não separa o auctor da sociedade, nem a obra do tempo, em que ella se escreveo. A união é mui intima e sensivel para uma se julgar independente do outro. Quem estuda os bellos ensaios criticos, e as historias litterarias publicadas em França e na Alemanha desde Schlegel até Ville-

main, desde Lessing até Saint Beuve não ignora as fadigas e a penetração, que exigem apreciações deste genero, sobre tudo quando o livro é uma epoca inteira como succede nos Luziadas.

O maior elogio que pôde fazer-se á Carta impressa do Sr. Monteiro é asseverar, que a despeito do assumpto ser grave, e a discussão d'elle erudita e extensa, tem amenidade e belleza litteraria para prender a attenção e interessar o leitor. E' que a interpretação nunca rasteja, nem o gosto se desmente. Por todas as paginas despontão as regras da arte moderna, e as idéas mais novas e mais luminosas sobre os deveres e a missão da critica. O que a theoria estabelece prova-o a analyse. Camões inspirou-se do passado, fez da historia a sua primeira musa, e ardeu na chamma do enthusiasmo e devoção civica; pois bem, a elles é que o critico irá pedir tambem a explicação das ficções — porque só elles sabem o segredo daquelle genio profundo, d'aquelle coração que nasceu immenso no infortunio e no amor.

Em uma nota o auctor da Carta ao Sr. Norton, desenvolvendo uma das regras de Villemain, sustenta que — «é com as reliquias da verdade que se faz uma ficção;» porque o espirito humano nunca é absoluto nas invenções até das mais chimericas fabulas. De certo; e a applicação deste principio aos romances *originaes* de cavallaria é tão sensata como feliz. Estes romances não devem confundir-se nunca com os cavalleiros escriptos dos fins do seculo XV. em diante. Os segundos são apenas reflexos das ficções dos primeiros. O Sr. Monteiro, para confirmar esta observação, offerece um dos mais famosos monumentos dessa litteratura, o Amadis de Gaula, que tão distincto logar occupa na historia da nossa poesia. O estudo paciente e a investigação mais profunda convenceram o critico portuguez, de que na realidade o — Amadis — pôde reputar-se como o mais notavel dos romances de cavallaria pelos elementos historicos de que se compõe. Em uma obra, que tem já concluída, e que é o commentario da novella cavalleirosa, o Sr. Monteiro indagando curiosamente o texto prova com evidencia que o maravilhoso, os personagens, e os episodios são todos urdidos no tear da historia do seculo XII, o mais rico em aventuras e feitos de armas da cavallaria real. Dissolvendo as fabulas em factos historicos, (e transcrevemos até as suas expressões) o auctor da Carta promete expôr a theoria completa do modo de inventar dos trovadores da meia idade. Oxalá que este bello trabalho não adormeça no bufete do critico, e entre quanto antes na imprensa. São obras deste valor as que enriquecem as letras e honrão o nome de uma nação.

A Carta ao Sr. Norton demonstra o genio critico e a profunda lição do Sr. Monteiro; nunca a poesia de Camões foi apreciada com tanta superioridade em todos os pontos. Porque motivo, pois, ha-de quem assim escreve recatar-se tanto da luz publica, e appa-

recer tão raras vezes na imprensa? O estudo da historia litteraria portugueza, que o auctor do ensaio sobre a ilha de Venus continua sem cessar, habilita-o para soltar da sua pasta algumas monographias, que não cabem no quadro do livro pelos seus desenvolvimentos especiaes, e pelo contrario se adaptão perfeitamente á indole do jornal litterario. Na prosecução das suas explorações o Sr. Monteiro ha-de ter encontrado (é encontrará cada dia) destes episodios, que ornão a imprensa diaria, e sobejão no desenho mais severo das grandes obras.

Recommendamos com o interesse que ella merece a Carta sobre a Ilha dos Amores a todos os amigos e curiosos da nossa poesia. Nenhum delles depois de a ter lido lastimará os momentos que lhe consagrar; são estudos fortes e aprasiveis ao mesmo tempo. Ao Sr. Monteiro, porém, se pôde com elle alguma cousa uma recommendação nossa, pediríamos, que não levantasse mão dos seus trabalhos sobre o — «Amadis de Gaula» —, nem se deixasse vencer do desalento natural que o desamparo das letras inspira a todos os escriptores em Portugal. Um dia mais risonho ha-de raiar por fim para os que ainda crêem, e ainda amão o velho Portugal.

L. A. Rebello da Silva.

GREMIO LITTERARIO.

SESSÃO DA ABERTURA DOS CURSOS PUBLICOS.

Vêde, nymphas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valorosos.
CAMÕES — CANT. VI.

A imprensa deve registrar, com orgulho e applauso, a brilhante solemnidade com que o «Gremio Litterario» installou, na noite de 13 do corrente, os cursos oraes e publicos prescriptos nos seus estatutos.

Tão raras são entre nós taes festividades litterarias, que desde 1843, em que o Conservatorio celebrou a memoria dos seus finados, não tinha havido reunião que se podesse comparar a esta do Gremio!

E' pois dever o fazermos della uma breve narrativa, de que lhe resulte louvor, e seja patente aos que não a presenciaram.

Na ausencia do presidente, o Sr. Duque de Palmella, presidiu um dos supplentes, o Sr. R. da Fonseca Magalhães, o qual perante a numerosa assembléa de socios, e de cavalleiros e senhoras que haviam sido convidados, expoz em poucas palavras o fim daquelle sessão, lendo a seguinte pauta dos cursos que se iam abrir — a saber:

Na primeira epoca:

Curso de «Bellas-Artes» professado pelo Sr. J. A. Corvo, — no dia 14 do corrente ás 7 horas e meia da noite, e nas quartas feiras seguintes.

Dito de « Machinas de Vapor », pelo Sr. J. M. da Ponte Horta, — no mesmo dia, e nas quartas feiras seguintes ás 9 horas da noite.

Dito de « Economia Agricola », pelo Sr. Dr. A. J. de Figueiredo e Silva, — nas segundas feiras, ás 7 horas e meia da noite.

Dito de « Chymica applicada á Agricultura », pelo Sr. J. M. de Oliveira Pimentel, — nas segundas feiras, de 15 em 15 dias, ás 9 horas da noite.

Dito de « Anatomia e Physiologia », populares, em presença de um modello de anatomia plastica, pelo Sr. Dr. A. D. Guerreiro.

Dito de « Geologia Theorica », pelo Sr. J. M. Latino Coelho, — nas terças feiras, ás 7 horas e meia da noite.

Dito de « Economia Politica » pelo Sr. L. de Almeida e Albuquerque.

Dito de « Historia do Direito Romano », pelo Sr. M. M. da Silva Bruschy, nas sextas feiras, pelas 7 horas e meia da noite.

Na segunda epoca:

Curso de « Physiologia Vegetal », pelo Sr. Dr. J. M. Grande.

Dito de « Litteratura Grega », pelo Sr. A. J. Viale.

Dito de « Geometria Descriptiva », e suas principaes applicações, pelo Sr. G. N. do Rego.

Dito de « Astronomia Popular », pelo Sr. Daniel A. da Silva.

Dito de « Litteratura Epistolar », por A. da Silva Tullio.

Declarando que todos estes cursos eram publicos, dependentes sómente de um bilhete de admissão, que seria dado pelo respectivo professor.

Depois annunciou que alguns socios tinham sido rogados para lerem diversas peças de poesia e prosa de sua composição, com que tornassem mais solemne aquelle acto, cujos nomes leu, dando-lhes successivamente a palavra.

Ao Sr. Castilho, como a quem possuia tantos titulos de prioridade, foi dada a precedencia. Após um modesto exordio, recitou S. S. o poemeto que ultimamente compozera — *A Invenção dos Jardins* — uma das mais deliciosas producções do seu inimitavel engenho poetico, na qual empregou todas as riquezas da metrificacão lyrica, e mais de vinte versos exdruxulos de uma valentia e propriedade que se não pôde exceder.

Debalde tentaremos expressar aqui o effeito que esta recitaçao produziu no auditorio; só diremos, que erão tão insuperaveis os impulsos da admiracão, que o poeta foi por vezes interrompido com estrepitosos applausos. Era que aos mimos da poesia se juntava o prodigioso do recitativo. De Xenophonte se conta, que tão deliciosamente lisonjeava os ouvidos dos gregos, que se suppunha fallarem as MUSAS pela sua bocca, que as GRAÇAS lhe prestavam a sua linguagem, e que

a DEUSA da persuasão pendia dos seus abios; — que se ouça recitar o Sr. Castilho, e diga-se depois se taes dotes os não possui elle!

Quizeramos poder apresentar ao leitor todas as peças poeticas que nesta solemnidade foram ouvidas, mas como o espaço no-lo véda, daremos de cada uma o trecho que nos parecer mais proprio para d'ellas se ajuizar.

Da *Invenção dos Jardins*, do Sr. Castilho, apontamos as seguintes quintilhas, que tão formosamente descrevem a linguagem das flores:

Dos valles e das collinas
Congrega no seu thesouro
Mil variadas flores finas,
Cór de ametista, cór de ouro,
Branças, azues, purpurinas.

Mas de quantas brota e gera
A fecunda primavera
Mais apreço áquellas dá
Que os amores em Cythera
Preferido haviam já.

As *Mimosas Sensitivas*,
Que, por mais enamorarem,
Provocam as mãos lascivas,
E depois de as provocarem
Tremem, somem-se de esquivas:

A *Violeta*, que se aninha,
Rescendente e innocentinha
No seio de sua mãe:
O *Malmequer*, que adivinha
Se ha odio, amor, ou desdem:

Lyrio, imagem da candura:
Cecem, da ingenua pureza:
Saudade, sempre escura:
Perpetua, que diz firmeza:
Perfeito amor, que amor jura:

Suspiro, em que a alma suspira:
Pallida flor, que o céu *Gira*
Sempre atraz do esquivo *Sol*:
Boanoite, que respira
Delicias c'o rouxinol:

E como estas, mal presumes,
Que de symbolicas flores,
Alli juntou em cardumes!..
E quaes não fallam de amores
No idioma de seus perfumes?

Seguiu-se o Sr. Corvo a lêr um proverbio — *Nem tudo o que luz é ouro* — de sua composição, escripto com perfeita intelligencia do genero, ameno e chistoso sem demasias, e, sobre tudo, bem conduzido ao intento de castigar um *janota* na sua vaidade de poeta d'*album*, e nas suas volubilidades de namorador. Com tal pensamento, e tão bem tratado pelo poeta, o dra-

ma não pod' deixar de ser, como foi, applaudido durante a leitura, e depois de concluida.

Agora que estamos quite do devido louvor, permitta-nos o nosso collega (para quem estas linhas serão uma novidade, talvez bem incommoda) que lhe peça-mos haja de corrigir alguns descuidos de linguagem occasionados da precipitação com que foi obrigado a concluir este seu escripto; e tambem que n'alguns lances aguce mais os epigrammas, que tanto cabimento teem n'estas composições.

Acabada esta agradável leitura, o Sr. Palmeirim, recitou uma nova poesia sua — *Napoleão* — em que o arrojo do assumpto rivalisa por vezes com a valentia dos versos, como servirão para exemplo os da seguinte estrophe:

Desterrado em Santa Helena,
As agoas chora do Senna
Lembram-lhe os campos de Jena
Da França lembra o pendão,
Lá morre... mas os rochedos
De Santa Helena, os penedos
Inda hoje sentem medos
Só de ouvir... *Napoleão*.

O Sr. Palmeirim retribuiu os louvores que esta sua composição lhe grangeou, recitando mais, e de cór, outra muito mimosa e alegre poesia intitulada — *Os olhos pretos*.

Foi depois rogado o Sr. Castilho para recitar a sua tão conhecida e gostada *Xacara da Nazareth*, e então se admiraram outra vez os prodigios do seu estro, e da sua recitação.

O Sr. A. de Serpa, que se tinha prestado a compôr expressamente o *Caio Graccho* para esta festividade, correspondeu de todo o ponto ao que de seu engenho se esperava. Depois das do Sr. Castilho, foi esta poesia a que mais applausos excitou durante a leitura. Bem merecidos. O assumpto por si mesmo grandioso, estava realçado pela nobreza dos pensamentos, e pela harmoniosa metrificacão com que o poeta o tratou. E' boa prova a seguinte estancia, em que se descreve com que estímulos o indomito filho de Cornelia, se ia a pelear pela liberdade da patria:

Saudades, amôr, esperança,
Não movem teu coração,
Que as cinzas clamam vingança,
As cinzas de teu irmão!
No meio da tempestade
Só pensas na liberdade
Só pensas no patrio amor.
Um rizo aos labios te assoma,
Que além se divisa Roma...
O' Roma, eis teu defensor!

Os assumptos classicos estão ha muito banidos do theatro, e da poesia: o Sr. Serpa porém veio mostrar-nos que esta mina dá ouro de subidos quilates

para os labores poeticos. Foi elle que encetou a lavra — e com que boa estreia! Que inexaurível California que os nossos poetas tinham aqui tanto á mão, sem darem por tal!..

Seguiu-se depois o Sr. F. Palha, lendo a *Voz do Cego*, poesia de muito affecto, e tão sensivelmente dolorosa como o objecto que a inspirara. A sensação que esta mimosa peça produziu, com a presença do Sr. Castilho, não nos é dado descrevel-a — só notaremos, que todos se entristeceram, menos aquelle que alli mesmo parecia estar agradecendo á Providencia, com a sua resignação, os dotes invejaveis com que aprouvera indemnisa-l-o da privação da vista.

Eis aqui a estrophe que mais se fez notar:

Em vão levanto a cabeça
Tentando mirar o céu!
Sempre esta nuvem espessa,
Sempre o mesmo escuro véu!
Inda sei que o sol existe
Porque a fronte — embora triste
Com seus raios me aqueceu!

O Sr. Casal Ribeiro, instado para que recitasse alguma das suas poesias, apenas teve tempo para recordar a que tinha escripto no *album* do Sr. Palmeirim, intitulada — *Um Voto*, recitação que agradou muito, principalmente pela candura e affecto da narrativa.

Podes crêr-me, que é sincera
E' leal esta affeição:
Podes crêr-me, que não minto.
Se te dou nome de irmão
São cousas que nunca digo
Sem as ter no coração.

O Sr. Presidente manifestou desejos de ouvir o *Gomes Freire*, do Sr. Palmeirim, a que este cavalheiro satisfez recitando-o de cór, com muita propriedade, e geral applauso.

No meio de todas estas alegrias mundanas, o Sr. J. M. Grande, mais avisado pelos seus annos e sciencia, veio recordar o terrível *memento homo!* que tão melancolicamente lhe inspirou a sua *Visita ao Cemiterio do Pere Lachaise*, e que S. E. recitou nesta sessão com a mestria que todos lhe reconhecemos.

Aqui acaba o tumulto
Da vaidosa capital;
Suas festas, seus prazeres
São silencio sepulchral.

Assim resava uma das quadras, apontando-nos para aquelle termo onde todos havemos de ir parar! Muitos tacharam de impropria, para tão festiva noite, esta poesia, sem se lembrarem de que para o homem christão todas as noites são de Young.

O que encetára a festa foi quem a encerrou — o Sr. Castilho, recitando uma poesia dinamarqueza —

O natal do Pobresinho —, onde o carinho e blandicias da expressão, afinava tão harmoniosamente com o gracioso do rithmo.

E assim terminou a sessão, depois das onze horas da noite, deixando a todos os que tivemos o prazer de a gozar, recordações tão deliciosas que difficilmente se apagarão.

O Gremio Litterario, estabelecendo estes cursos publicos, presta um grande serviço ás pessoas estudiosas, põe patente a incontestavel verdade de que aos talentos patrios, só faltam meios por onde se manifestem e fructifiquem — e que bem merecem se lhes applique o conceito do mais portuguez dos nossos poetas, quando disse, parecendo fallar d'elles:

«Que em tudo cabem, para tudo são.»

A. da Silva Tullio.

CURSO SOBRE AS MACHINAS DE VAPOR — FEITO NO
GREMIO LITTERARIO POR O SR. JOSÉ MARIA
DA PONTE HORTA.

PRIMEIRA LIÇÃO.

SENHORES.

Como lhes foi annunciado pela leitura, que lhes fiz, do programma deste curso, a nossa sessão de hoje é destinada a tratarmos da natureza physica do vapor, do seu poder mechanico, e do seu modo de existir nas machinas. E' este, a meu vêr, o methodo natural; estudar primeiro os principios antes de entrar no estudo das machinas, e processos dependentes delles. O que se deseja saber primeiro, quando se querem estudar as machinas de vapor, é o que sejam os vapores, donde procedem, a que condição intima é devida essa sua acção, que ás vezes chega a ser prodigiosa.

— Que propriedade é essa dos vapores, que se traduz em força na mechanica, e em trabalho na industria?

Que força é essa, que arremessa d'um jacto e para longe, volumosos projecteis; alevanta a agoa das minas, e lucha no meio dos mares com o impeto dos ventos?

Muita cousa tem dito a physica e a mechanica, que poderia servir de resposta a todas estas interrogações, muita cousa poderíamos dizer, se não devessemos ser circumscriptos pelo traçado do nosso programma. No entre tanto é indispensavel que alguma cousa digamos sobre uma força que pôde passar por toda a escalla das grandezas, e que procuremos prescrutar, embora de longe, a causa della.

E' um facto, senhores, que a natureza nos apresenta a materia em tres estados bem distintos. O estado solido, o liquido, e o gazoso. Cada um destes es-

tados tem propriedades muito differente, que o extremam dos outros.

Mas de que maneira é a materia constituida em cada um desses estados? Porque é que cada um delles apresenta leis caracteristicas? E porque é que nós dizemos, que em these, a materia pôde passar por todos estes estados differentes? E' porque auxiliados pela hypothese de Laplace, perfeitamente em harmonia com os factos, nós concebemos a maneira de ser da materia nestes tres estados. E' porque sabemos que da acção attractiva das moleculas entre si, combinada com uma força repulsiva, produzida por um agente estranho denominado o calorico, resultam essas tres modificações da materia. Que no estado solido leva vantagem a força attractiva sobre a força repulsiva, e dahi resulta uma cohesão mais ou menos difficil de vencer. Que no estado liquido, estado verdadeiramente transitorio da materia, estas forças estão em perfeito equilibrio, e daqui resulta a sua propriedade physica caracteristica, a perfeita mobilidade, ou a egualdade da pressão em todos os sentidos. Que nos gazes, a força repulsiva é a predominante; as moleculas são forçadas a afastar-se, a occuparem sempre maior espaço. — Esta necessidade physica da dilatação é a força, a que é devida uma grande parte dos phenomenos, que se passam na natureza. Esta força sendo comprimida em consequencia d'acções externas, pôde-se fazer passar por todos os estados de grandeza que se quizer. — O calorico, sendo uma acção que tem o foco entre as moleculas ponderaveis da materia, tendendo a afastal-as successivamente entre si, e as pressões externas sendo uma força opponente, cujo effeito é approximar as moleculas, resulta deste encontro d'acções combatentes, que se pôdem fazer variar á vontade, que podemos conseguir dar a amplitude que pretendemos a esta força physica da dilatação.

E' tambem pelo jogo das pressões externas, combinado com as dozes calorificas; — jogo levado pela abstracção muito alem da efficacia dos nossos meios praticos, — que nós podemos, por uma inducção logica, assegurar em these, que a materia pode ser levada artificialmente por estes tres estados.

Do que temos dito, se tirão immediatamente as seguintes conclusões,

Que o calorico é o agente, que preside a estas transformações: e que á sua acção, combinada com a attracção molecular de materia ponderavel, são devidos os differentes estados, que a materia affecta na natureza.

Que pela acção do calorico, combinada convenientemente com as pressões externas, nós podemos fazer passar a materia d'um aos outros estados; e podemos fazer variar á nossa vontade a intensidade de força expansiva dos gazes.

Os vapores, — que pertencem á grande familia dos gases, como constituindo esses dous gruppous um estado da materia com leis d'existencia especiaes —

diversificação e havia d'elles, em se poderem transformar em líquidos pela acção dos nossos meios, ao passo que os gases, como sendo «por assim dizer» vapores de líquidos desconhecidos, não teem podido ainda ser reduzidos ao estado immediato, — com tudo o seu modo de ser, as suas leis d'existencia são as mesmas, excepto todavia nas circumstancias que lhe dão as diferenças, quer dizer nos momentos da transição para estado liquido, ou quando estão em presença do liquido gerador. E em todos os outros casos, em todas as outras circumstancias, nenhuma differença há entre as leis dos gases, e dos vapores.

A atmosfera que circunda o nosso planeta, exercendo uma pressão não constante, mas permanente, acompanhando naturalmente todas as variações da materia, é indispensavel consider-a, e metel-a em calculo nas investigações a que vamos proceder.

Se o calorico representa o primeiro papel n'estas modificações da materia; quem não sentirá o desejo de chegar á cauza das causas? — O que será o calorico em si? Porque será que o seu effeito immediato é dilatar, affastar as moléculas da materia? O que será esse principio, cujos effeitos são tão sensiveis e que faz o primeiro papel em todos os phenomenos na materia organica e inorganica? O que será esse principio, que se pode denominar o principio vivificante, animadôr da natureza? Não entraremos n'este campo, em que tanto se tem pensado, e se tem escripto.

Se o calorico é de feito uma substancia, que se vai interpor entre as moléculas da materia ponderavel, que vai occupar esses espaços chamados poros; ou se é o resultado d'um movimento molecular, como Bacon primeiro sentiu, — intimo nos corpos, uma manifestação sensivel da existencia d'esse movimento, não nos cabe a nós o discutir aqui — Aceitaremos o facto, com elle se apresenta, admittiremos os effeitos como elles se dão sem curar de natureza da causa. — No entretanto se nos perguntassem qual era a nossa opinião a este respeito, responderiamos que acreditamos que no interior dos corpos se devem dar movimentos; que acreditamos que na natureza infinitamente pequena se devem passar phenomenos semelhantes aos que se passam na natureza em grande: que o atomo ligeiro deve obedecer ás mesmas leis a que obedecem os mundos.

Em fim não há mais razão para que mundos se movam em roda uns dos outros, do que as moléculas em roda das moléculas: não há mais razão para que existam perturbações, que fazem variar a regularidade dos movimentos planetarios a essas distancias, que são sensiveis; do que para que passem phenomenos analogos ás distancias insensiveis. Não continuaremos porém esta analize, que nos é alheia; iremos aos factos. E' facto que os líquidos se transformam em vapores; e que se transformão pela diminuição da pressão externa, e do acrescimo de calorico — E' facto tambem que os vapores e gases operam como força em consequencia da necessidade physica da dilatação:

que há tres objectos que estão ligados — O liquido — o calorico — e a força ellastica. Mas teremos nós conseguido já formar um systema completo, perfeito? Saberemos nós já d'antemão calcular o effeito, que elles hão de produzir? calcular a intensidade da força ellastica; que é o que leva a effeito os movimentos e o trabalho, com os radicaes, liquido e calorico? Teremos nós já a função, que liga estes tres elementos, a ponto de poder dizer que se ha-de produzir tal força com tal valor, com tal quantidade de liquido e com determinada porção de calorico em certo tempo? Decerto que não. Para a obter é necessario estudar o vapor nas suas relações successivas com o calorico e o liquido gerador.

E' a essa investigação tão necessaria para o assumpto e para o assentamento do nosso systema, que nós devemos proceder. E para isso lançaremos mão das verdades, que a Physica experimental já tem conseguido.

Temos a considerar pois no estudo do vapor a sua força ellastica, ou a pressão que elle exerce sobre a unidade de superficie do vaso, que o contem; a sua temperatura, que a cada passo pode ser conhecida pelas indicações d'um thermometro: o seu volume especifico, ou o volume d'um certo pezo de vapor, comparado com o volume do mesmo pezo d'agua: e a sua densidade, ou o peso da unidade de volume. Vejamos se podemos ligar tudo isto por meio de formulas algebraicas — Não esqueceremos n'esta investigação de considerar a atmosfera; por isso que ella assiste a todas as variações da materia. A atmosfera no nosso planeta é e causa de muitos phenomenos, cada qual mais importante.

A vida deve-lhe tudo; Dumas diz, com a elegancia e talento, que tanto nome lhe tem valido, que o ser organico é apenas um pouco d'ar condensado. A' sua existencia é devida a existencia de líquidos sobre a terra. Se de repente a atmosfera desaparecesse — Todos os líquidos se lançariam no espaço e iriam constituir uma nova atmosfera cuja constituição chymica, sendo differente da actual daria ás produções da terra e ao seu aspecto um caracter diverso d'aquelle, que ora lhe vemos. Os líquidos conservão-se líquidos em consequencia de pressão atmosferica. A sua pressão media é equivalente ao pezo de 0^m 76 de mercurio. A pressão atmosferica pode ainda servir como d'uma unidade de referencia para todas as pressões.

Posto isto aproximemos um liquido d'um focco de calorico, e vejamos os phenomenos, que se notam. Quando o focco de calorico houver dispendido uma quantidade de calor tal, que o thermometro centigrado marque 100,° forma-se vapor; porque a força ellastica do vapor, que se forma é sufficiente para vencer a pressão atmosferica. Todo o calorico que depois é dispendido pelo focco não se torna sensivel ao thermometro.

O liquido, como o vapor marcam 100°, a temperatura permanece constante nesta mudança d'estado; mas o calorico lá vai de certo introduzir-se entre as

moleculas do liquido transformado em vapor para as conservar ás distancias precisas, para constituir e conservar a materia nesse novo estado, denominado vapor. Este calorico é denominado *calorico latente*; por isso que se occulta ao thermometro. Seria preferivel dar-lhe o nome de *calorico constitutivo* ou *calorico conservador*, por ser elle que constitue e conserva a materia nesse novo estado, que ella assume. O conhecimento deste calorico *constitutivo* é um conhecimento altamente importante; por quanto sendo o dispendio do calorico, ou o gasto do combustivel uma necessidade sempre existente, e sempre repetida no uso das machinas de vapor, tudo o que conduzir a economisal-o, ou a aproveitá-lo melhor, será inquestionavelmente um aperfeiçoamento de verdadeira utilidade. — Este calorico constitutivo é depois restituído quasi integralmente por meio da *condensação* do vapor já utilisado. A economia resultante da existencia do condensador tem tanto valor, que na ordem das descobertas, o apparecimento e emprego do condensador occupa um logar distincto que faz honra a Wath. — Esta quantidade de calorico latente varia com a pressão externa, que o liquido tem de vencer para se transformar em vapor. Mas tambem, ao passo que essa pressão variar o calorico sensível tambem variará; sendo maior quando a pressão a vencer fôr maior. — Os ensaios de Wath, e as experiencias de Sharpe, Clemens e Desormes conduziram ao resultado de que a somma do calorico latente e do calor sensível é em todos os casos uma somma constante, representada por 650° do centigrado. A opinião de Southern, de que o calorico latente era uma quantidade constante não pôde ser admittida em vista dos factos. — Assentemos por tanto nesta verdade, que o vapor em contacto com o liquido, debaixo de todos os grãos de tensão contém sempre a mesma quantidade de calor total. — D'onde se segue, que para vaporisar um peso dado d'agua, debaixo d'uma pressão qualquer, é mister consumir a mesma quantidade de combustivel debaixo da mesma caldeira; que é exactamente o que a experiencia confirma.

Um outro facto notavel que se observa no vapor formado em contacto com o liquido, é que o vapor está sempre no maximo de densidade, e de pressão para aquella temperatura. Quer dizer que se não pôde fazer variar uma destas grandezas, sem que as outras logo variem. O liquido presente figura neste caso como d'um reforço concreto que promptamente soccorre o vapor, quando pelas variações de temperatura elle tenha de assumir variações na força ellastica. Estas grandezas estão intimamente ligadas, isto é, tres das nossas quantidades estão ligadas entre si por uma condição de *maximo*. — E' uma das leis mais importantes a descobrir, conhecer qual é a força ellastica do vapor em contacto com o liquido, quando se conhece a temperatura a que o vapor foi formado.

Possuimos de ha muito tempo experiencias do Sou-

thern, Ure e Dalton feitas com este pensamento; mas eram para pressões inferiores á pressão atmospherica, eram as experiencias mais facéis, as meno perigosas. Taylor estendeu as observações até 4 ou 5 atmospheras; mas foram Arago e Dulong quem levaram as observações até 24 atmospheras. Faltava porém alguma cousa mais, faltava ligar todos estes resultados por uma formula mathematica, que contivesse em si, e que abrangesse na sua simplicidade o complexo de todas as observações, uma formula que fosse a expressão da lei — que nos desse na continuidade das pressões os pontos correspondentes aos pontos homologos na continuidade das temperaturas: era necessario por tanto encher por meio dos processos da interpolação os intervallos, que subsistiam entre as observações originaes. Foi a marcha que se seguiu, e hoje possuimos diferentes formulas; cada uma das quaes leva vantagem d'exactidão ás outras n'um certo ponto da escalla.

Pombour apresenta no seu tratado sobre machinas de vapor uma importantissima tabella das forças ellasticas, e temperaturas conseguida pelo emprego simultaneo de tres ordens de formulas.

(Continua).

TELEGRAPHOS ELECTRICOS SUBMARINHOS.

A importancia da prodigiosa descoberta dos telegraphos electricos, — que hoje teem substituído por toda a parte o velho systema dos telegraphos aérios, e por meio dos quaes o pensamento vóa nas azas da electricidade, e percorre milhares de legoas com rapidez que se não pôde medir — vai crescendo pelos novos aperfeiçoamentos que estas locomotivas da palavra vão recebendo cada dia.

Uma experiencia feita em Inglaterra acaba de provar que os fios pelos quaes passa o fluido electrico podem atravessar os mares. A experiencia teve logar entre Folkstone e um barco de vapor que navegava a duas milhas do porto; as communicações faziam-se com tanta perfeição como se o fio conductor se não achasse mergulhado no mar. O fio, para ficar perfectamente isolado, foi envolvido n'uma camada de *gut-ta-percha*.

Quando esta nova descoberta tiver attingido o seu mais alto grão de perfeição, — e a sciencia dá-nos esperança de que esse momento não vem longe, — as nações da Europa poderão n'um dado momento conhecer a mesma noticia, participar de uma invenção nova do espirito humano, receber a impulsão d'um unico pensamento.

Tudo caminha para a harmonia universal; os elementos vão-se grupando, as idéas vão-se generalizando, os pontos de contacto de povo a povo vai-os creando o vapor e a electricidade, as ultimas barreiras não poderão sustentar-se em pé por muito tempo. A sciencia

cia as destruirá vencendo os espaços, e multiplicando o tempo.

CHRONICA.

« Chove, chove gallinha molle, Nosso Senhor dará pão molle. » Tal é a cantilena infantil com que o nosso povo miudo vai festejando essas pingas d'agoa que tem cahindo durante esta semana, e a que alguns se atreveram a chamar *chuva*, com grande escandalo da meteorologia, e grave offensa da fecundidade das nuvens! Chuva! que é d'ella?

E não obstante mandaram-se callar as preces, e cantou-se já o *Te Deum* na Cathedral! a que assistiram todos os padeiros e atravessadores, porque só estes se deram por satisfeitos com tão pouco agoa!

Eis ahí está porque geralmente se diz, que os commissarios de trigo, e os padeiros machuchos vão fazer uma collecta para levantar estatuas a todo o cabido em peso. Que tal não é a vontade de desbastar pedra, e de eternisar mandriões!

As anedotas que ácerca dos padeiros tem vogado esta semana dariam um bom folheto: ha porém uma que tem sua graça. Dizem que um padeiro dos Terremotos fizera promessa de dar um bodo a cem pobres, e fazer um arraial a Santo Antonio, se não chovesse. Divulgado isto, assim que no domingo começou a choviscar, as lavadeiras do rio d'Alcantara com outras da vizinhança, arranjaram tres varas de castanho e uma corda, e foram em frota, com muita galhofa, armar-lhe uma forca á porta, a cuja vista o infarinhado avarento fugiu espavorido, dando-lhe uma terçã, de que está em perigo de vida.

Tambem se conta, que passando por S. Sebastião um destes caldeireiros ambulantes (que segundo a superstição popular, adivinham chuva) os padeiros d'aquelle sitio, lhe mandaram dar uma roda de pão de pinho, suppondo que o pobre homem fôra alli mandado para os chasquear. Quem sabe?

Votamos pois pela continuação das preces, e rogamos ao nosso clero e ás boas almas, que não cessem de orar pela prosperidade da colheita, que ainda pede agoa, e rogamos-lh'o para que se não verifique o dictado: « Villão servido, villão fugido. »

Domingo passado, nem menos de sete procissões rogatorias saíram na cidade e suburdios, e todas ellas receberam no caminho o que iam pedindo — e digam que Deus não gosto que lhe peçam!

Estamos em domingo de Lasaro, quer dizer, que pouco falta para expirar a quarentena em que a igreja manda

« Professar odio santo ao ventre avaro »

por isso corre a noticia de que com o tempo dos jejuns acaba a celebre casa de pasto do Matta, ao caes

de Sodré. Está insuportavel. Se é certo que « bem jejuia quem mal come », ficava em jejum quem ia jantar ao Matta. Eis em que vieram a dar os elogios que certos folhetinistas alli lhe atiravam á tóa. Se continuarem estas attentados escriptos contra as regalias do bom paladar, hemos de mostrar á luz dos principios consignados na arte da cozinha e da copa, que o Matta é réu de lesa-culinaria.

O grande assumpto das dissertações da semana, foram os cursos do « Gremio Litterario ». Não é para aqui a analyse a que elles estão sujeitos, visto serem publicos.

O Sr. Corvo deu já duas prelecções, parecendo-nos que foi menos claro e rigoroso na segunda do que na primeira. As observações porém, sobre os defeitos architectonicos do theatro do Rocio, mereceram muitos elogios.

O Sr. Horta tambem vai na sua segunda leitura, como se vê do extracto que vem no nosso jornal. O assumpto deste seu estudo deve hoje ser conhecido de todos, é pena porém vemos que as vocações do auditorio não pendem muito para ahí.

O Sr. Figueiredo trata de um dos pontos mais urgentes da nossa economia, o agricola. Proficiente na materia, traçou como tal o plano das lições na primeira da noute de 19, que serão tanto mais proficuas, se fôr menos arido, e mais animado na exposição.

O Sr. Pimentel, que na mesma noute começou, parececeu-nos ser o que melhor deu o caracter de curso á sua leitura. Tem um tal agrado e correntesa no exprimir-se, que visivelmente captiva o auditorio. Depois fez logo applicações do que dizia, ao nosso reino, no que muito interessou os ouvintes. Se se desprender mais dos apontamentos, difficilmente terá competider.

O Sr. Bruschy correspondeu ao que de sua sciencia juridica e philosophica se dizia. O seu curso tem um cunho especial, que seria temeridade querer avalial-o pela primeira leitura. Senhor do assumpto, como ainda não mostrou nenhum dos outros professores, e de mui fluente exposição, ninguem mais apto para nos dar a conhecer a importante historia do direito romano.

A Sra. Emilia mostrou-se nas taboas do Salitre, e fez arrancar alguns punhados de cãs ao Nunes sem Filho, e milhões de palmas aos amadores da arte scenica. O espectáculo que naquelle ex-theatro se deu na noute de 21 do corrente esteve na verdade brilhante. A representação era de beneficencia politica, os espectadores escolhidos, os camarotes, posto que pouco povoados de senhoras, havia entre essas algumas de nateveis dotes da formosura e da gentileza, e quasi todas de luto! Camarote (ou frisa, para melhor dizer) vimos, donde a tristeza que infundia o luto carregado, era affungentada pelo garbo e sorriso animado das suas habitadoras; o espectáculo em fim era desempenhado por alguns cavalheiros cultores da arte, e pela Sra. Emilia, cujo talento artistico, faz com que o

publico lhe releve a teima ambiciosa de não querer escripturar-se no theatro nacional, sem grandes lucros.

O desempenho da *Estella* foi aprimorado, mas sobre tudo em alguns lances do *Casamento*, a Sra. Emilia poz em evidencia que não houve ainda entre nós actriz com tantos dotes para a arte dramatica. Com a intelligencia da Sra. Soler, com uma cara mais senhoril, com mais garbo no meneio dos braços, e corrigindo uns certos tons de amuo, que costuma dar em quasi todas as fallas — a Sra. Emilia seria incontestavelmente uma actriz perfeita. Todavia, na terra das Clementinas as Emilias são rainhas.

O Sr. Almada representou com aquella mestria de que já existem tantas provas: a execução do Sr. Almeida, e principalmente a do Sr. Guimarães agradaram bastante.

Quizeramos poder notar aqui com o merecido applauso, os lances em que tanto a Sra. Emilia como estes cavalheiros mais realçaram — porém não nos é isso possível, porque estivemos quasi sempre a olhar para outra parte...

Clamamos contra a injustiça com que se houveram as duas feias letras do alphabetico, *F. P.* ajuizando da representação da *Cruz*, drama do Sr. Vasconcellos, n'um artigo com laivos de folhetim, publicado no penultimo num. da *Nução*. A Sra. Soler naquella peça, teve situação em que representou superiormente, maxime na scena da loucura. E é sempre assim, a Sra. Soler nos papeis de douda não tem rival, e todos sabem que taes papeis são de mui difficil desempenho, tornando-se a compaixão em riso, quando são executados sem intelligencia.

Da *Cruz* nada podemos agora dizer, porque ainda não a vimos. Se esta cruz for como as do dinheiro, ha-de nos custar a vêr, porque essas fogem de nós como se fomos o diabo!

Os *Salteadores* tem sido muito applaudidos em S. Carlos. E' logico isto: — n'uma terra onde ha tão pouca limpeza de mãos, esta peça não se deve tirar da scena sem termos enforcado todos os ladrões.

Estamos hoje na mesma intallação de que a respeito do *Jardim das Damos* nos queixámos na chronica passada! O folhetim da *Revolução* tambem é assignado pelo nome baptismal do seu mui habil e epigrammatico escriptor. As inconveniencias deste pessimo e vaidoso costume ja as notámos. Temos pois de recorrer outra vez á *costumeira monarchica* dos cumprimentos. « Cidadão Lopes de Mendonça. Amigo. Nós o barão de Allenim vos enviamos muito saudar, como a bom e leal folhetinista que sois. Por quanto vimos na vossa escriptura de sabbado passado, umas palavras mui equivoacas e alapardadas ácerca dos superlativos usados por um nosso escriptor de grande auctoridade, sabede, que isso podem os invejosos attribuir avindicta que tomais, por vos elle não ter applicado ainda nenhum dos taes superlativos. Se isto assim fôra, que tal não é, dir-vos-bia que estivesseis

descaçado; porque os vossos afans litterarios, hão-vos grangeado não só um mas muito superlativos. lembrai-vos de que elle não é fossil, é cá dos nossos: a rapaziada lidadora é a sua gente, e porque tudo vos diga, não desgosta dos estouvados, a cuja jerarchia vós pertenceis, Adverti agora por derradeiro, que se o folhetim não fôra assignado, era caso de um puxão d'orelhas (litteral, se ha por entendido), assim, damos-vos só este beliscão, com o qual vos certificamos a nossa boa vontade, e a conta e peso em que temos a vossa pessoa, a quem Deus guarde. »

São passadas duas semanas depois das promessas de pontualidade feitas pelo *Pharol*, e o num. 47 sem apparecer! O pharol de Alexandria foi nma das sete maravilhas do mundo, este é a maravilha unica do paiz das lesmas, porque a todas vence na lentidão escandalosa com que se arrasta, e na reima sedição que largam as suas noticias de torna-viagem ensacadas na revista da semana, cuja chronologia está já hoje tão perdida, que pode muito bem a tal revista ser da *semana dos nove dias*, sem os leitores darem por tal!

Empramos pois o *Pharol*, por parte dos assignantes, para nos dar explicações a este respeito, ou então mude-se, e vá allumiar os navegantes do mar negro, quando estiver gelado...

O num. 2 da *Revista Popular* traz uma chronica, semanal, a que será difficil assignar o logar que lhe compete, entre a torrente das semsaborias e desconchavos que ahí anda zombando da represa que a critica tenta por-lhe. Ensôssa em todo o rigor da palavra, encelue descrevendo uma scena tristissima passada em certa agoa furtada, que por trazer visos de caso acontecido, repugna ás conveniencias e praticas da imprensa, e até á delicadesa do bom escriptor. Vem assignada por ELLES; e diz-se que são os do *Pharol* que vem para o *Popular* escarnecer dos assignantes d'ella, que lhe fazem sombra. Assim parece. Deos nos livre porém de commettermos a injustiça de attribuir similhaante massamorda ás atiladas pennas que redigem o jornal incerto... nas suas aparições.

Em quanto o X do *Zacuto* repousava, por ter concedido entrada franca no seu folhetim ao *Archeologus Lusitanus*, para dar algumas representações de uma especie de comedia, intitulada a *Judiaria e a Medicina*, sahia a salteal-o de brucos, n'alguns jornaes politicos desta capital, um homem raivoso, fingindo de medico, e arvorando-se em juiz conservador das parvoices alheias. O' X da minh'alma, a elle! A receita lá anda no *vade meum* de que o outro dia fallamos, a saber: — *prender-o, amarrar-lhe o socinho, e acabar-o!* Causa notavel, estes nossos facultativos, em escrevendo uns contra os outros, são uns selvagens como se não pôde fazer idéa sem os ler, como servirá de amostra a correspondencia a que nos referimos.

Quasi affirmamos que ha todas as semanas um acontecimento litterario para os nossos annaes — e que o que falta é quem os traga á imprensa. O de que

vamos dar noticia, seria para uma chronica inteira, se os leitores possessem relatorios academicos nesta secção dos jornaes, que na verdade reconhecemos impropria para as galhardias. Fallamos da leitura do drama *Camões*, do Sr. A. F. de Castilho, feita esta noite, perante uma reunião de muitos dos nossos melhores poetas, litteratos e jornalistas. A imprensa litteraria e politica estava alli representada, como talvez nunca se visse n'uma reunião particular. A *Revista Universal*, o *Pharol*, a *Epoca*, o *Zacuto*, o *Estandarte* e a *Nação*, lá estavam por seus redactores. O auctor e o drama bem eram dignos de tão nobre cortejo.

Penna mais competente (a mais dramatica do nosso Portugal) se estará já agora aparando para patentear os meritos do drama — que isso não ousamos nós. Diremos com tudo, que peça assim escripta não tem semelhante o nosso repertorio. Palavras e versos postos na bocca de Camões, só ao Sr. Castilho era dado fazel-o com tão pasmoso exito, como o que já o Sr. Garrett havia logrado no seu poema.

O auto da boa estreia representado no 2.º acto, a yingança que o Camões tira dos cortejos

« Com palavras mais duras que elegantes. »

na presença mesmo de el-rei, no 4.º acto, e todo o 5.º, são de um primor inimitavel.

Dos donaires e poesia do estilo, basta dizermos que é do Sr. Castilho. Dalli, com o só trabalho de copial-os, se poderiam tirar mais de cem versos heroicos, perfectos!

O drama foi ainda realçado pela excellente leitura que delle fez o Sr. Alexandre de Castilho. Reconhecido como um dos mais distinctos actores dos theatros privados da *Thalia* e das *Larangeiras*, o Sr. Alexandre de Castilho, fez a leitura deste drama, que durou perto de 5 horas, por modo que se não podia de-sejar mais.

Alguns dos poetas presentes, manifestaram o gosto que teriam de representar este drama, desempenhado por elles na *Thalia*. Se vingar o projecto, que bella noite essa!

Temos a cathologar com o merecido elogio mais dois folhetinistas, ambos de optima vocação para a cousa — o do *Jornal dos Facultativos militares*, e o *Ashaverus* do *Jardim das Damas*.

O primeiro revela que é de mão já assente e experimentada no officio. Tem bocadinhos de um sabor mui appetitoso, e periodos cunhados com toda a liga que admitte a moeda corrente no mercado folhetinistico — mercado onde vergonhosamente correm tantos patacos falsos...

O *Ashaverus* posto mostre entrar com passo incerto, vai bem, gostámos muito — dize-mo-lo com toda a ingenuidade. E tanto que pedimos licença para lhe bradar como áquell'outro (que pelo nome deve ser seu parente) — *caminha! caminha! caminha!*

Entre outras polidezes que notámos nesta revista do *Jardim*, apontaremos aquella em que o escriptor alludindo ao nosso titulo de barão, não o toma por pseudonymo, antes dá a entender que lhe parece proprio e existente. Por este só traço se conhece que o *Ashaverus* é pessoa de boa companhia, de delicadeza e discrição, porque um pseudonymo na imprensa deve-se respeitar tanto como um dominó n'um baile *masqué*.

Agora depois destas cortezas que nos mereceu o digno successor dos *Sallustios* macarronicos, lhe diremos que foi mal informado por quem lhe disse que nós fomos preso, e logo n'uma igreja! Nós preso! só se fôr pelo beijo... isso lá temos estado muitas vezes — é o nosso fraco. Cremos que o urbanissimo collega não nos quiz, com a invenção daquella anecdota, confundir com outro individuo, porque fôra comparação que de certo não merecemos. Até á primeira.

Domíngio ha uma festa de igreja, feita pelo Sr. Manuel Luiz, cambista do Rocio, mas não sabemos a que proposito; só sim que dá bodo aos pobres, que se diz constará de um monstruoso *pão quente* de dez arrobas, com um barril de manteiga dentro!

Lemos, não nos lembra agora em que jornal politico, uma narração das ultimas insolencias praticadas pelo prior de S. Mamede, confirmando tudo que a respeito d'elle noticiámos. E anda ainda solto este furioso, em cujo lombo o proprio Christo teria esfanicado o azorrague com que sacudiu do templo os vendilhões perros!

As sessões da Liga foram suspensas officialmente: tracta-se porém de remover os obstaculos que deram motivo a esta resolução ministerial — o que todavia ja nos vai tardando. Não temos por ora fallado n'isto, mas andamo-nos a encher de rasão, e depois... guarda debaixo! O nosso alviçareiro já nos entregou o testamento da viuva do *Homem das Botas*. Dalo-hemos para a semana, que é longo.

Barão de Alfenim.

NOTICIAS.

FUNDOS PUBLICOS.

Em 26 de Março.

PRAÇA DE LISBOA.

Ne dia 26 de Março o preço dos fundos foi o seguinte:

	Compra	Venda
Notas do Banco de Lisboa	23060	23040
Tres operações	16	20
Inscrições de 5 por cento	51	52
Ditas de 4 por cento	41	42
Papel-moeda	10	12 m. f.
Titulos antigos (azues)	6	3
Esriptos para as alfandegas	88	90

	Na 6. ^a parte . . .	85	86
Ações do Banco de Portugal	465	3000	470 3000
Ditas das Lezirias	340	3000	345 3000
Ditas — Seguro Firmeza	340	3000	345 3000
Ditas — Fidelidade	300	3000	310 3000
Ditas — Omnibus	70	3000	75 3000
Ditas — Pescarias	28	3000	30 3000
Ditas — Vapores do Tejo	24	3000	25 3000
Ditas — União Commercial	60	3000	61 3000
Ditas — Fiagão e Tecidos	100	3000	120 3000
Ditas — Valla d'Azambuja	100	3000	por acção
Confiança Nacional	395	3000	400 3000
Obras Publicas			3 a 3 $\frac{1}{2}$ por c.

ALFANDEGA DO TERREIRO.

Movimento dos cereaes de 16 a 22 de Março de 1849.

	Trigo		Cevada		Milho		Cevada	
	moios	alq. ^a	moios	alq. ^a	moios	alq. ^a	moios	alq. ^a
Entrada	964	50	64	48	—	12	4	44
Despacho	719	26	17	42	14	47	20	22
Existencia	7256	20	1834	54	820	14	107	13
Preços	440 a 680		210 a 260		300 a 350		240 a 320	

CAMBIOS EM LISBOA.

Em 24 de Março.

	Cambios	Cotado	Dinheiro	Papel	Effectuado
Londres 30 d. v.	53	—	—	—	53
» 60 d. v.	53 7 oit.	—	—	—	53 7 oit.
» 90 d. v.	54	—	—	—	54
Pariz 100 d. d.	526	—	—	—	—
» 3 d. v.	534	—	—	—	—
Hamburgo 3 m. d.	48	—	—	—	48
Amsterdam	42	—	—	—	—
Genova	505	—	—	—	—
Vienna	400	—	—	—	—
Trieste	400	—	—	—	—
Liorne	140	—	—	—	—
Napoles	750	—	—	—	—
Madrid 15 d. v.	920	—	—	—	—
Cadiz 15 d. v.	920	—	—	—	—
Porto 8 d. v.	$\frac{1}{2}$ p. c.	—	—	—	—

FUNDOS EM LONDRES.

Em 16 de Março.

INGLEZES.

Consolidados de 3 por cento	90 7 oit.
Consolidados	90 3 oit.
Reduzidos de 3 por cento	—
» de 3 por cento	—

ESTRANGEIROS.

Portuguezes de 3 por cento	—
» 4 por cento B.	27 28
Hespanhoes de 5 por cento	16
» 3 por cento	29

Brazileiros de 5 por cento 1824	80	83
» dito 1829 1839	—	—

METAES.

	Compra	Venda
Peças de 8	7 980	8 3000
Oncas hespanholas	14 570	14 600
Soberanos	4 490	4 500
Ouro cercado	1 940	1 970
Dito em barra	25	26
Patacas hespanholas	920	923
Ditas brazileiras	920	923
Ditas mexicanas	920	923
Prata em barra	28	—

AVISO.

Participa-se a todos os Srs. Assignantes das provincias, que os Agentes a quem se devem dirigir, e entregar qualquer quantia pertencente ao jornal são os seguintes:

S. Lourenço do Bairro Mialhada, correspondente em Aveiro, José Simões de Paiva. — Midões, em Vizeu, Antonio da Silva. — Mialhada, Condeixa, Tentugal, em Coimbra, José Joice. — Alemquer, em Villa Franca de Xira, D. Maria Jacintho Salgado. — S. Miguel, Ponta Delgada, Filipppe Maria Bessone. — Fundão, Guarda, Mangualde, na Covilhã, Antonio Joaquim da Silva Junior. — Castro Verde, Campo Maior, em Portalegre, João Anastacio Dias Grande. — Angra, Terceira, Frederico Ferreira Campos. — Villa Nova de Milfontes, Odemira, Campo de Ourique, em Sines, Joaquim Pires de Mattos. — Quiaios, Alhadas, Maiorca, Cadima, na Figueira, Ignacio Fernandes Coelho. — Soure, Pombal, Marinha Grande, em Leiria, Miguel Joaquim Leitão. — Penha Garcia, Idanha Nova, Pena Macôr, Sigura, Rosmaninhal, Sarzedas, Alpedrinha, em Castello Branco, Francisco José Mourão. — Ovar, Oliveira de Azemeis, na Feira, Bernardo José Corrêa de Sá. — Ponte de Lima, Vianna do Castello, Vianna do Minho, em Vianna, Luiz Manuel Monteiro. — Freixas, em Mirandella, José Bernardo Pinto Saraiva. — Povoal do Lanhoso, em Braga, João Antonio d'Oliveira Braga. — Portel, Serpa, Villa de Frades, em Bêja, José Ricca. — Peniche, em Attouguia da Balêa, Francisco Manuel Velloso da Horta. — Fayal, Manuel Alves Guerra. — Olhão, Loulé, em Faro, José Bento Dias Ferreira. — Monte Alegre, em Chaves, João de Sousa Pinto de Barros. — Funchal, Madeira, Goulde Roupe & C.^a — Villa Nova de Portimão, Alcantarilha, em Lagos, Januario José Simões. — Esposende, em Barcellos, Francisco José Pereira Braga. — Alpalhão, em Estremoz, Joaquim Felizardo da Cunha Ozorio.